

Gênero e “raça” na literatura brasileira

Florentina Souza

Relacionadas tradicionalmente a traços fenóticos selecionados, as representações de afrodescendentes na cultura, no Brasil e fora dele, trabalharam intensamente com *tropos* que conduziram a uma forte relação entre raça, gênero e sexualidade. Vários escritores, entre eles Nancy Leys Stepan, têm apontado como os discursos sobre desigualdade racial e de gênero aparecem imbricados:

Desde o final do iluminismo estudos sobre a variação humana distinguiram diferenças raciais como aspectos cruciais da realidade, e um extenso discurso sobre a desigualdade racial começou a ser elaborado. Com a atenção voltada cada vez mais para as diferenças de gênero e de sexo no século XIX, o gênero era notavelmente considerado análogo à raça, de modo que o cientista podia usar a diferença racial para explicar a diferença de gênero e vice versa¹.

Ainda segundo a autora, a ciência utilizou-se de modo excepcionalmente produtivo de metáforas para unir e “naturalizar” depreciações baseadas em gênero e raça. Já Teresa de Lauretis, abordando a relação sexo-gênero, pontua que as categorias *masculino* e *feminino*,

complementares, mas que se excluem mutuamente, nas quais todos os seres humanos são classificados, formam dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais. (...) Sob esta ótica a construção cultural do sexo em gênero e a assimetria que caracteriza todos os sistemas de gênero através das diferentes culturas (embora cada qual de seu modo) são entendidas como sendo sistematicamente ligadas à organização da desigualdade social².

E ela conclui: “a representação do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação”. Vemos assim que a interrelação entre as

¹ Stepan, “Raça e gênero: o papel da analogia na ciência”, p. 74.

² Lauretis, “A tecnologia do gênero”, pp. 211-2.

categorias apontadas no título do nosso trabalho já foram objeto de reflexão de outros estudiosos; entretanto, discutiremos a questão a partir da análise dos modos como o *produto* e o *processo de representação* de raça, gênero e sexualidade aparecem em textos canônicos da literatura brasileira. Na literatura, nos estudos sociológicos, na música popular são vários os exemplos de representações de homens e mulheres afrodescendentes que, repetindo imagens estereotipadas, forjam relações intrínsecas entre fenotipia, caráter e sexualidade ou fenotipia e qualidades psicológicas.

Por outro lado, o conhecido ensaio de Sander Gilman intitulado “Black bodies, white bodies: toward an iconography of female sexuality in late nineteenth-century art, medicine and literature”³ pontua a existência de uma rede de convenções, situada tanto na esfera científica quanto na estética, a qual representa as realidades dos corpos negros quase que exclusivamente a partir da sexualidade. Conclui que, no século XVIII, a sexualidade dos negros, homens e mulheres tornou-se um ícone para os desvios sexuais de modo geral. Para ilustrar, a autora cita duas convenções de representação da diversidade humana do século XIX flagradas nos ícones da mulher hotentote e no ícone da prostituta. Ainda segundo Gilman, a animalidade e o desregrado apetite sexual da mulher negra representavam a antítese dos costumes sexuais europeus. Nesta perspectiva, tanto a ciência quanto a estética da época reiteravam as “anomalias” dos corpos e psiquê dos negros e negras. Chama a atenção ainda para o episódio da exposição do corpo nu de Sara Batmamann, no século XIX, em Paris e Londres, durante mais de cinco anos – o que atesta a objetificação do corpo da mulher negra, reduzido apenas a quadris e genitália “anormais”.

A percepção da prostituta no século XIX também emerge da representação das negras na citada rede, forjando um *link* entre cor e patologia, entre negros, especialmente negras, e doença: “a associação de negros, especialmente negras com a sífilofobia do final do século XIX era, pois, manifesta. Mulheres negras não só representam a mulher sexualizada, elas também representam a mulher como fonte de corrupção e doença”⁴ e ainda como fonte de perversidade.

Considero interessante trazer à cena ainda os textos de Hooks e Hall. No texto “Eating the other, desire and resistance”, Bell Hooks⁵ discute uma

³ Gilman, “‘Race’, writing, and difference”.

⁴ Id., p. 250.

⁵ Hooks, *Black looks: race and representation*.

questão sempre presente quando se fala da alteridade, ou melhor, do corpo da alteridade, a saber, a relação entre desejo e repulsa. Hooks afirma que, nos contextos contemporâneos, etnicidade se torna um tempero, uma especiaria a tornar mais saborosa a cultura hegemônica. Neste sentido, a alteridade, vista como primitivo outro, continuará sendo explorada e consumida na realização de fantasias que mantêm intactas as hierarquias e a supremacia da “cultura branca”. E pontua:

Quando raça e etnicidade transformam-se em mercadorias destinadas ao prazer, a cultura de grupos específicos, assim como os corpos de indivíduos, podem ser vistos como constituintes de um *playground* alternativo em que os membros das raças, gêneros, práticas sexuais dominantes afirmam seu poder nas relações íntimas com o Outro⁶.

Já o escritor Stuart Hall, no texto “Que ‘negro’ é esse na cultura negra?”, apresenta “três comentários incompletos” sobre as tradições negras na diáspora e também ressalta a importância do corpo, agora para os sujeitos negros/as:

1 - dentro do repertório negro, o estilo (...) se tornou em si a matéria do acontecimento. 2 - deslocado de um mundo logocêntrico (...) o povo da diáspora negra tem, em oposição a tudo isso, encontrado a forma profunda, a estrutura profunda de sua vida cultural na música. 3 - essas culturas têm usado o corpo como se ele fosse, e muitas vezes o foi, o único capital cultural que tínhamos. Temos trabalhado em nós mesmos como em telas de representação⁷.

Hall ressalta a constituição de uma sólida imbricação entre sujeito que fala/representa e o que é representado; ou seja, ele interrelaciona intimamente sujeito e objeto, tornando ambos “lugares de contestação e resistência”, contrariando alguns discursos tradicionais que representaram os corpos negros como inertes objetos, como espaço para domesticação e para a realização de seus desejos reprimidos. A leitura de vários exemplos da textualidade

⁶ “When race and ethnicity become commodified as resources for pleasure, the culture of specific groups, as well the bodies of individuals, can be seen as constituting an alternative playground where members of dominating races, genders, sexual practices affirm their power-over in intimate relations with the Other”. Cf. Hooks, *Black looks*, p. 23. (tradução minha).

⁷ Hall. *Da diáspora*, p. 342.

brasileira, literária ou não, aponta para uma percepção do corpo da mulher negra como este objeto do prazer sem culpa para os homens brancos, do prazer primitivo, prazer livre das amarras da tradição judaico-cristã no qual a mulher negra figura apenas como objeto de consumo e de satisfação do homem. Muitas vezes a exposição de corpos “perfeitos” de acordo com os padrões estéticos instituídos pela mídia, na verdade, somente reitera a voracidade das tradições brancas no consumo do Outro, seus corpos e tradições como objetos, mercadorias disponíveis para as pessoas que compõem o grupo étnico tido por superior e, portanto, sujeito consumidor. Das índias às africanas e afrodescendentes, as mulheres no Brasil foram assim representadas e assim “consumidas” por uma tradição patriarcal, sexista e racista.

Na década de 1950, a partir de um quadro teórico-interpretativo da época, o escritor Dante Moreira Leite, em *O caráter nacional brasileiro*, faz um levantamento de escritores que, até a década de 1940, pensaram/interpretaram o Brasil a partir destas relações raciais e, ao final de alguns capítulos, sintetiza o que os escritores por ele selecionados identificam como “características” ou “qualidades” das “três raças tristes” que formam o povo brasileiro. Esse trabalho será posteriormente suplementado⁸ pelo livro de Carlos Guilherme Mota, intitulado *Ideologia da cultura brasileira: 1933-1974*, publicado em primeira edição em 1977. No contexto das comemorações dos 500 anos do “descobrimento” do Brasil, Silviano Santiago organiza uma coleção de três volumes intitulada *Intérpretes do Brasil* na qual reúne alguns dos clássicos citados pelos dois autores acima referidos e outros mais que, para ele, representam os “melhores ensaios escritos por brasileiros sobre o Brasil, depois da Independência do país”⁹. Nos três momentos apontados, os autores/organizadores dos livros sublinham a tradição da tríade étnico-racial e cultural que compõe a população brasileira e tentam investigar os modos como se constitui a comunidade imaginada como Brasil.

Para todos eles, as leituras e interpretações do povo brasileiro passam por discussões de temas como: colonização, atraso, “raças”, história, mestiçagem e hierarquias, entre outros. As análises acima referidas, embora possuam divergências teórico-metodológicas, pontuam principalmente o caráter “ra-

⁸ O termo suplemento é aqui utilizado a partir da leitura do suplemento derridiano que faz Bhabha, no texto “DissemiNação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna”, no seu livro *O local da cultura*.

⁹ Santiago, *Intérpretes do Brasil*, p. XLI.

cializado” das interpretações do Brasil e, embora não enfatizem, fica explícito que as mulheres, todas e majoritariamente as negras, são definidas como representando papel secundário, restrito ao espaço doméstico (desprestigiado pela tradição patriarcal), sem considerar a importância e as possibilidades de intervenção do espaço doméstico e privado em decisões do espaço público. Por outro lado, não há como deixar de registrar que muitas mulheres negras, atuando no mercado informal, durante e principalmente após a Lei Áurea, constituíram um grupo economicamente forte de vendedoras de comidas e frutas que, segundo registro de viajantes e cronistas, estavam presentes em várias cidades do Brasil tais como Salvador e Rio de Janeiro, por exemplo.

Na literatura brasileira, as representações, mais que as discussões, envolvendo gênero e raça são frequentes. Vários escritores, desde o século XIX, desenham perfis de personagens, índias, mestiças e negras ou brancas nos quais gênero, fenotipia e sexualidade aparecem imbricados – uma imbricação que o determinismo cientificista levará às últimas conseqüências. A partir de Gregório de Matos conhecemos a antológica hierarquização das mulheres baseada em cor (raça) e função a ser exercida na relação com o homem. Já no século XIX, Alencar, por exemplo, no capítulo “Loura e morena”, do romance de “fundação da nacionalidade” *O guarani*, descreve as personagens Cecília e Isabel a partir de uma ótica que atualiza e reitera o aludido provérbio:

Os lábios vermelhos e úmidos pareciam uma flor da gardênia dos nossos campos, orvalhada pelo sereno da noite; o hálito doce e ligeiro exalava-se formando um sorriso. Sua tez, alva e pura como um floco de algodão, tingia-se nas faces de uns longes cor-de-rosa, que iam, desmaiando, morrer no colo de linhas suaves e delicadas.

Era um tipo inteiramente diferente do de Cecília; era o tipo brasileiro em toda a sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malícia, de indolência e vivacidade. Os olhos grandes e negros, o rosto moreno e rosado, cabelos pretos, lábios desdenhosos, sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível¹⁰.

Ora, um dos textos considerados fundadores do discurso da nacionalidade brasileira, que elege um índio descrito como “cavalheiro português no

¹⁰ Alencar, *O Guarani*, pp. 42 e 43.

corpo de um selvagem” como símbolo da heroicidade fundadora nacional, cria, para a nação emergente, uma diferença entre personagens femininas “brasileiras” representadas pela loura (filha de portugueses) e a morena (provavelmente filha do português com uma índia); uma diferença entre pureza e sedução – características com pesos diferenciados no campo do imaginário desta tradição sobre a mulher. Essa morena, descrita por Alencar, será transformada posteriormente em “mulata” e terá acentuados os traços que realçam a suposta lubricidade, disposição e potência sexual como traços que reiteram os lugares de subalternidade definidos pelo discurso da “raça”. É só lembrarmos de personagens de romances e de outras textualidades nacionais que se constituem “variações” do perfil de Rita Baiana, personagem do romance *O cortiço*.

Aqui, interessa-me mais detidamente analisar os modos como gênero e raça são utilizados como fios para tecer representações de mulheres negras na literatura e na cultura brasileira. Essa descrição que funde raça, gênero e sexualidade apresenta uma hierarquia que pode ser constatada em formulações populares desde o século XVII, como já foi apontado. Na tradição literária brasileira, com adaptações e reconfigurações, as representações de personagens negras seguem mais ou menos o provérbio. Assim, concordo com Bell Hooks quando afirma que “o campo da representação permanece um espaço de luta mais evidente quando nós examinamos criticamente representações contemporâneas de pessoas negras e de negritude”¹¹.

Embora os textos de fundação do discurso da nacionalidade brasileira sempre sejam obrigados a apresentar uma mulher como parte da “família originária”, ela aparecerá majoritariamente em posição de subalternidade e propensa a sacrificar seus desejos e interesse em benefícios de pai, irmãos, marido e/ou filhos. E assim, podemos estabelecer *links* entre a função das mulheres, morrer pelos homens da família, e a função dos homens, morrer pela Pátria. Como sabemos, os discursos de constituição das nações articulam sentidos, criam narrativas que disseminam os sistemas simbólicos imprescindíveis para impulsionar os indivíduos à morte e ao sacrifício¹². A pureza, qualidade pregada pela religião, passa a ser qualidade impingida à mulher que será, na família, a responsável pelo ensino dos valores de honra e amor incondicional pela nação, no período posterior à independência, como “participantes centrais que são na reprodução ideológica da coletividade

¹¹ Hooks, *Black looks*, p. 3.

¹² Ver Balibar, Bhabha, Anderson, entre outros.

e como transmissoras de suas culturas”¹³. As heroínas românticas, exemplos de pureza e honestidade e capacidade de amar, são, na maioria dos textos, descritas a partir de traços fenotípicos “brancos”. Mesmo quando as convenções estéticas hegemônicas já não eram românticas, as mulheres negras continuavam sendo representadas como servas, prostitutas ou irresponsáveis e devassas.

Logo após a proclamação da República, como afirma Murilo de Carvalho¹⁴, alguns artistas tentaram representar a nova forma de governo como mulher, seguindo os passos da tradição de representação francesa. Entretanto, a alegoria feminina para a república repete o modelo “clássico”: “quando se tratava de representar a humanidade ou a república, não apareciam índias nem negras nem mulatas nem proletárias, mesmo idealizadas”¹⁵. (No mesmo texto, intitulado “República-mulher: entre Maria e Marianne”, o autor demonstra que “a tentativa de copiar o esforço francês de vender o novo regime por meio da imagem feminina foi pequeno e redundou em estrondoso fracasso”¹⁶). Depois, os caricaturistas apossaram-se da imagem para ridicularizar a República, uma vez que, entre outros argumentos usados, política era coisa de homens.

Focando exemplares da literatura brasileira, constatamos que prostituta, irresponsável ou mãe preta são os principais estereótipos sob os quais as mulheres negras são representadas. A Irene Boa, de Manuel Bandeira, a Nega Fulô, de Jorge de Lima, ou a Vidinha, de Manuel Antônio de Almeida, assim descrita no romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, publicado como folhetim entre junho de 1852 e julho de 1853, ilustram tal tipo de representação:

Vidinha era uma mulatinha de 18 a 20 anos, de altura regular, ombros largos, peito alteado, cintura fina e pés pequeninos: tinha os olhos muito pretos e muito vivos, os lábios grossos e úmidos, os dentes alvíssimos, a fala era um pouco descansada, doce e afinada¹⁷.

E continua:

Vidinha era uma rapariga que tinha tanto de bonita como de movediça e leve (...) era uma formidável namoradeira, como hoje se diz, para não dizer lambeta, com se dizia naquele tempo¹⁸.

¹³ Anthis e Yurval-Davis, *Racialized boundaries*, p. 114.

¹⁴ Carvalho, *A formação das almas*.

¹⁵ Id., p. 84.

¹⁶ Id., p. 88.

¹⁷ Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*, p. 98.

¹⁸ Id., p. 107.

No mesmo romance, ao descrever um rancho das baianas presente em um das procissões de rua do Rio de Janeiro, o narrador, embora destacando o aspecto estético, não se furta a representar as tradições de origem africana sob um clave que junta as categorias de gênero e raça e sexualidade de acordo com padrões da moralidade cristã:

Todos conhecem o modo por que se vestem as negras na Bahia; é um dos modos de trajar mais bonito que temos não visto, não aconselhamos porém, que ninguém o adote; um país em que todas as mulheres usassem desse traje, especialmente se fosse desses abençoados em que elas são alvas e formosas, seria uma terra de perdição e de pecados¹⁹.

Textos do século XIX, XX e XXI continuam representando personagens negras como extravagantes, capazes exclusivamente de incitar a volúpia e a sensualidade. São feitas atualizações da mãe preta: traços escolhidos de modo a realçar o pejorativo ou subalterno: ótimas cozinheiras, lavadeiras e todo um conjunto de funções/empregos socialmente depreciados. Chega a parecer cansativo o discurso contestando representações tão redutoras, entretanto a reiteração se faz necessária devido à estratégia repetitiva da estereotipia de gênero e raça utilizada pela literatura brasileira.

Em 1975, o escritor Teófilo Queiroz Jr. publicou o livro *O preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira* com o objetivo de, segundo o autor, explicitar o “comprometimento da literatura brasileira com o preconceito de cor” e para estabelecer “os contornos desse comprometimento”²⁰. Mais de 30 anos se passaram, as discussões sobre raça e racismo ganharam destaque em alguns setores da vida intelectual no Brasil, a tese da democracia racial tem sido contestada pelos movimentos sociais e acadêmicos, mas algumas mudanças na legislação apontam para o reconhecimento de que o racismo, infelizmente, continua estruturando a vida da sociedade brasileira. Setores dos estudos das letras empenham-se em questionar as representações depreciativas de homens e mulheres negras na literatura, na mídia, nos provérbios, na publicidade, por exemplo. Se Teófilo Queiroz almeja estabelecer os contornos do comprometimento entre literatura e “preconceito de cor”, o meu objetivo é outro. A partir da constatação de que o perfil das personagens negras continua sendo traçado sob uma

¹⁹ Id., p. 60.

²⁰ Queiroz Jr., *A mulata e o preconceito de cor na literatura brasileira*, p. 15.

ótica negativa, pretendo demonstrar que na representação das mulheres negras na literatura, racismo, sexismo e gênero entrelaçam-se e reiteram estereótipos e discriminações.

As várias situações em que as mulheres negras se destacaram na vida social, histórica e cultural brasileiras são praticamente ignoradas, apagadas, tal como o fato de as negras terem se sobressaído como arquivos vivos das tradições culturais e religiosas dos povos africanos trazidos para o Brasil durante três séculos. Elas reorganizaram as tradições de seus grupos étnicos, adaptando-as às realidades da diáspora; elas mantiveram as bases destas tradições que hoje constituem o conjunto de marcas identitárias de afro-brasileiros. Por outro lado, as mulheres negras conseguiram o sustento de suas famílias no exercício de atividades domésticas e no mercado informal e algumas delas chegaram a possuir pequenas propriedades e uma relativa ascensão social na sociedade brasileira. Elas exerceram e exercem atividades as mais variadas na história da vida brasileira. São mães de seus filhos, amantes de pessoas que escolhem, profissionais das mais variadas áreas, artistas. Entretanto, como já destaquei, representações que contemplem a diversidade dos papéis por elas exercidos e que não enfatizem apenas a sexualidade e a reprodução são ainda esparsas e vão predominar em textos de autoria de escritoras e escritores negras/os, os quais, como Conceição Evaristo, poeticamente representam gênero e raça entrelaçados à memória e à transmissão de saberes – como espaço ativo de produção de identidades:

A noite não adormecerá
 jamais nos olhos das fêmeas
 pois do nosso sangue-mulher
 do nosso líquido lembradiço
 em cada gota que jorra
 um fio invisível e tônico
 pacientemente cose a rede
 de nossa milenar resistência²¹.

²¹ Evaristo, em *Cadernos Negros*, p. 45.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, José de. *O Guarani*, em _____. *Obras completas*. v. 3. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.
- ALMEIDA, Manuel Joaquim de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Ática, 2001.
- ANTHIAS, Floya e YUVAL-DAVIS, Nira. *Racialized boundaries: race, nation, gender, colour and classe ant the anti-racist struggle*. London; New York: Routledge, 1996.
- BHABHA, Homi. “DissemiNação: O tempo a narrativa e as margens da nação moderna”, em _____. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila e outros. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. pp. 198-238.
- CARVALHO, Murilo de. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GILMAN, Sander L. “Black bodies, white bodies: toward an inconography of female sexuality in late nineteenth-century art, medicine and literature”, em GATES JR., Henry Louis (org.). *“Race”, writing, and difference*. Chicago; London: The University of Chicago Press, s/d.
- HOOKS, Bell. *Black looks: race and representation*. Boston: South End Press, 1992.
- LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do gênero”, em HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. pp. 206-42.
- QUEIROZ JR, Teófilo. *A mulata e o preconceito de cor na literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1982.
- QUILOMBHOJE. *Cadernos Negros: os melhores poemas*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.
- SANTIAGO, Silviano (org.). *Intérpretes do Brasil*. v. 1. Rio de Janeiro, Aguilar, 2000.
- SOUZA, Florentina. *Afrodescendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- ST. JEAN, Yanick e FEAGIN, Joe R. *Double burden: black women and every day racism*. New York; London: M. E. Sharpe, 1998.
- STEPAN, Nancy Leys. “Raça e gênero: o papel da analogia na ciência”, em HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. pp. 72-96.

Recebido em agosto de 2008.

Aprovado para publicação em setembro de 2008.